

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO

Bruno Schwabenland Ramos

É concluinte do Curso de Pedagogia pela Faculdade Ateneu, graduado em Teologia no Centro Universitário Claretiano – pós-graduando em relações étnico- raciais pela UFES- e funcionário público efetivo da rede pública de ensino de Vila Velha, Espírito Santo. E-mail para correspondência:
bruno.schwabenland@gmail.com

RESUMO: Há correntes de antigas tradições orais que definiam que Lilith foi à primeira mulher da criação, há uma suposição que esta foi suprimida da Bíblia, onde aparece a figura de Eva tendo o título na mitologia judaico-cristã como a mãe de todos os seres vivos. A parte mais polêmica da cristandade é a submissão da mulher em relação ao homem, teoria interpretada de maneira tendenciosa deixando clara a posição de gênero. Fato que vou levado à extrema neurose na Era das Fogueiras, em que as mulheres supostamente com poderes de feitiçarias, foram submetidas a torturas e a execução pública. Problema: Quais são os fatores envolvidos entre religião e a violência contra mulher? A delimitação da temática está pautada na cristandade visto que o sistema religioso é diversificado, portanto será abordada a construção de duas mulheres antagônicas dentro do aspecto sagrado: Lilith e

Eva. Objetivo: Analisar o papel ideal da mulher no sistema religioso que atende o sistema patriarcal se é o arquétipo de Lilith ou Eva. Metodologia: O Método a ser utilizado na fase de Investigação será a análise bibliográfica, porque, para construir a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa. Resultado: Por meio das pesquisas foi observada uma forma diferente de violência promovida contra a mulher, não aquela da Era das Fogueiras, mas de forma simbólica e ideológica. Conclusão parcial: A Cristandade é cheio de divisões e subdivisões, para uma pesquisa mais apurada seria necessário, percorrer a historicidade das principais igrejas históricas para saber se há violência entre correntes tradicionais, pentecostais ou neopentecostais.

PALAVRA-CHAVE: Lilith e Eva; sistema religioso; gênero; violência; relações de poder.

ABSTRACT: There are schools of ancient oral traditions which defined that Lilith was the first woman of creation, there is an assumption that this was deleted from the Bible, where appears the figure of Eva taking the title in the Jewish and Christian mythology as the mother of all living beings. The most controversial of Christianity is the submission of women in relation to man, theory interpreted as tendentious leaving clear the position of gender. The fact that I carried to the extreme neurosis in the Era of bonfires,

in which women supposedly with powers of witchcrafts, were subject to torture and the public execution. Problem: What are the factors involved between religion and violence against women? The thematic delimitation is guided in Christendom since the religious system is diverse, therefore will be addressed the construction of two women antagonistic inside the sacred aspect: Lilith and Eva. Objective: To analyze the role of the woman in the ideal religious system that meets the patriarchal system if it is the archetype of Lilith or Eva. Methodology: The method to be used in research phase will be the bibliographic analysis, because, to build the reasoning of the theoretical-methodological research. Result: By means of research was observed a different form of violence against women, promoted not that the Era of bonfires, but of symbolic form and ideological. Partial completion: Christianity is full of divisions and subdivisions, to a more refined research would be necessary, scroll through the historicity of the main historic churches to know if there is violence between traditional currents, Pentecostal or neopentecostals.

KEYWORDS: Lilith and Eva; religious system; gender; violence; power relations.

INTRODUÇÃO

Há correntes de antigas tradições orais que definiam que Lilith foi à primeira mulher da criação, há uma suposição que esta foi suprimida da Bíblia, onde aparece a figura de Eva tendo o título na mitologia judaico-cristã como a mãe de todos os seres viventes. A parte mais polêmica da cristandade é a submissão da mulher em relação ao homem, teoria interpretada de maneira tendenciosa deixando clara a posição de gênero.

PROBLEMA

Quais são os fatores envolvidos entre religião e a violência contra mulher?

OBJETIVO GERAL

Analisar o papel ideal da mulher no sistema religioso que atende o sistema patriarcal se é o arquétipo de Lilith ou Eva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Pesquisar o mito de Lilith e Eva para compreender a mulher desejável para o sistema religioso.

Descrever se estes arquétipos ainda fazem parte da construção e desconstrução da mulher no aspecto sagrado.

Verificar como as relações de poder fundamentam a estrutura da cristandade, a fim de, manter uma “ordem universal”.

O MITO DE LILITH E EVA

Aproveitando o livro sagrado não terá como foco a discussão o poder transcendental desta literatura, mas a visão mitológica da criação os primeiros seres humanos. Neste versículo fala de uma era mitológica habitada por um Poder Superior, no qual ele por meio de poderes mágicos teria criado o primeiro homem, em oposição à teoria da evolução que defende que o homem veio do macaco. De acordo com Gênises:

“Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (GÊNISES 1:27)

Uma contradição aparece entre estes dois capítulos, na primeira citação o homem foi criado em pares ou casais da mesma forma que os animais, entretanto, onde estaria a primeira mulher. Será que este ser Superior, Deus na concepção de cada um, teria punido a Lilith ou está foi retirada de propósito por Moises (segundo a tradição judaica escreveu os cinco primeiros livros da bíblia). Na primeira cena o primeiro casal foi criado de uma maneira especial, supõe-se da mesma matéria (barro). Isto haveria de alterar a ordem cósmica, tem-se a ideia de um Deus masculino, não poderia ser este um andrógono (masculino e feminino ao mesmo tempo)? A primeira esposa desapareceu misteriosamente da história, fazendo uma conjectura talvez esta alterasse profundamente as relações de poder entre homens e mulheres. Segundo o conto mitológico judaico cristão o primeiro ser humano foi criado do barro úmido do solo (o primeiro casal) e na outra cena o primeiro pai da história teria gerado de si mesmo, outro ser mais submisso porque foi gerada de si mesmo. Esta suposição de acordo com o livro de Gênises:

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja **idônea...** E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. Disse então o homem: **Esta sim** (ou 'agora sim', em algumas versões) é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada. (GÊNISES 2:18,22, 23)

Tendo como base nestes versículos houve uma rebelião ou insubmissão da Lilith que é tida como a primeira mãe de todos os seres vivos. Segundo conta-se que houve desde eras mitológicas o embate de relações de poder entre o sexo masculino e feminino, pois esta poderia ser a primeira feminista da história que exigia direitos iguais, porque foi formada do mesmo material e partir imagem do Criador. Conforme Laraia:

A rebelião de Lilith contra Adão e o Criador levou à necessidade da criação de Eva, esta formada a partir de uma costela de Adão (Gênesis, 2, 21). É possível, portanto, imaginar que um corte foi realizado entre o capítulo 1, versículo 28, e o capítulo 2, versículo 21. É provável que este corte tenha ocorrido, mesmo em época bastante remota, como no quarto século antes de Cristo, quando se supõe que o

texto escrito tomou uma forma aproximada da atual (Leach, 1983:77). O próprio teor do capítulo 1, versículo 28, sustenta esta hipótese: "E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra..." Como seria possível abençoar a ambos e recomendar a multiplicação se Eva ainda não estava criada? (LARAIA, 1997)

Retomando o raciocínio anterior como forma de fixação para a defesa da ideia, sobre o que motivou a ruptura da suposta ordem cósmica, no qual o homem se sobressairia por supostamente ter-se uma noção de uma divindade masculinizada. Lilith representaria o fim de uma ideologia machista e sexista, por esta razão, a Igreja Antiga procurou suplantar, este nome para que as mulheres não busquem os seus direitos igualitários, o que influenciaria não apenas as manifestações religiosas, como toda estrutura social vindoura. Segundo Pires:

(...) Na tradição cabalística, segundo Chelavier (1990) Lilith é o nome da mulher criada antes de Eva, ao mesmo tempo em que Adão – não de uma costela do homem, mas diretamente da Terra, do mesmo pó que ele. Por esse motivo reivindicou igualdade, não se admitindo inferior e insubmissa e disse a Adão: "somos iguais". A partir daí os dois sempre discutiam. Por se recusar a ser submissa, Lilith foi relegada a convivência com os demônios. Quando encolerizada pronunciou o nome mágico de Deus e fugiu para começar uma carreira demoníaca, transformando-se na rainha dos demônios. Em sua revolta declarou guerra ao Pai, não deixando desde homens, mulheres e crianças em paz. Permaneceu como sombra e inimiga de Eva, instigando amores ilegítimos e perturbando o leito conjugal.

Seu domicílio foi fixado nas profundezas do mar (o inconsciente), no lado escuro da Lua ou da serpente, veículo do pecado e da transgressão que expulsou a todos do paraíso. Mulher rejeitada ou abandonada por causa de outra, Lilith representa ódio contra a família, os casais e os filhos. (PIRES, p.37-38, 2008)

Se for analisar o mito percebe-se que duas mulheres antagônicas, tanto a Lilith e a Eva foram vítimas do sistema patriarcal, a primeira condenada pela histórica canônica a desaparecer (a primeira feminista da história), enquanto a segunda foi acusada de ser a culpada pela queda do homem, mas ainda apresenta a mulher que é submissa ao homem. Este conto mitológico há uma clara disputa de relações de poder, supõe-se que Lilith era uma mulher imponente que não aceitava ser uma pessoa de segunda categoria.

O PAPEL DE LIDERANÇA EXERCIDO PELA MULHER

Não é mencionado no texto sagrado como que uma mulher chegou a um status político de grande importância no Israel Antigo, sendo que pela historiografia bíblica a mítica nação se formou por 12 patriarcas e não 12 matriarcas. Pode supor que nesse período foi algo que abalou a estratificada sociedade, não era apenas uma doméstica submissa, mas de uma mulher que tinha postura de autoridade.

O que houve foi uma contaminação do Livro Sagrado por ideias sexistas e machistas, estas negam a capacidade do sexo feminino ter uma posição de destaque.

A bíblia não está sendo mencionada para converter nenhuma pessoa por suposto pecado ou doutrinação, entretanto, demonstrar que ao longo dos séculos houve uma intensa disputa de poder no qual o sexo masculino subjugou as mulheres. De acordo com o livro de Juízes

Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo. Mandou ela chamar a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura, o SENHOR, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? E farei ir a ti para o ribeiro Quisom a Sísera, comandante do exército de Jabim, com os seus carros e as suas tropas; e o darei nas tuas mãos. Então, lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. Ela respondeu: Certamente, irei contigo, porém não será tua a honra da investida que empreendes; pois às mãos de uma mulher o SENHOR entregará a Sísera. E saiu Débora e se foi com Baraque para Quedes. (JUÍZES 4: 4-5)

Nota-se que esta mulher gozava de prestígio religioso (era profetiza), temporal (ocupava cargo de governante do povo), pelo cenário Baraque não viu apenas uma mulher frágil e indefesa, mas alguém com capacidade de estratégia militar.

Fazendo uma conjectura para a atualidade ainda há ideias preconceituosas, baseadas em interpretações religiosas, embora o Brasil não tenha uma religiosidade institucionalizada, por tradicionalismo segue preceitos da cristandade. Algo que ainda permeia as relações de poder tanto nos seguimentos sociais e de algumas ramificações da cristandade.

Ao longo dos séculos houve uma tentativa de silenciar as mulheres, por exemplo, no texto sagrado apareceu em cena como uma estrategista militar e de acordo com as interpretações escusas, foi perdendo o valor até chegar ao ostracismo social: era vista como corpos que deveriam satisfazer os apetites sexuais dos maridos. Porém este cenário de injustiça social seria abalado por um filósofo chamado Jesus Cristo.

Segundo os cristãos espiritas (kardecistas) houve uma longa aprendizagem no mundo espiritual no qual Kardec aprendeu com grandes mestres da humanidade, diferentemente das interpretações culturais, com ares de uma suposta religiosidade, que promovia a desvalorização e desintegração da mulher, que ainda no século XIX fora falado sobre a emancipação da mulher que é defendida por feministas na atualidade. Conforme informações do site Só de Cristo:

“Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher e logo a verá alçar o seu voo, com grande vantagem para a sociedade. Ficai sabendo que a mulher, como todos vós, tem a centelha divina, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher.”(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo)

Embora não seja considerado por ampla corrente de teólogos como membros da cristandade, os espiritas cristãos (kardecistas) tem uma visão diferente na concepção do transcendental: cada um tem uma concepção do sagrado.

JESUS O HOMEM FEMINISTA

Ao citar Jesus aqui não há a intenção de tratar da sua suposta forma transcendental, mas sim do aspecto humano, como um grande filósofo que influenciou o pensamento daquela época e também a base da civilização ocidental do mundo atual. Não se pode dizer que houve uma mudança total no pensamento do mundo ocidental na questão machismo, entretanto, naquela época foi um escândalo no meio religioso e social porque as mulheres carregavam a suposta culpa pelo pecado original, tratado no mito judaico da criação.

Neste tópico há uma clara separação do Jesus religioso que supostamente dizem ser um deus na forma de homem, para o Jesus histórico como um grande filósofo este é o ponto do objeto como estudo. Se houve algo que a ciência não pode explicar ou algum fato paranormal, deixar com que essas discussões sejam realizadas por especialistas do assunto, algo que não vem ao caso, porque está se tratando de questões sociais e como a religião pode impactar positivamente ou negativamente em grupos de seres humanos.

Com este suposto crime as mulheres foram rebaixadas diante de uma estrutura machista e sexista que as colocavam apenas como papel de reprodutora, também na categoria de párias sociais ou como instrumento usado pelo suposto Satã e tais pensamentos será que existem dentro de algumas facções da cristandade ou de outras religiões monoteístas?

A religião é um instrumento de controle social para domesticar, os homens dos seus sentimentos mais controversos, o papel do Jesus histórico na verdade era romper com papel humilhante dado às mulheres, embora haja alguns pontos polêmicos dentro das páginas do Novo Testamento, sobre o principal ponto da submissão feminina perante o homem, algo que geram muitas discussões. Foi um período cultural muito complicado para as mulheres, tomando por base em uma nação teocrática monoteísta, pode ser que o Novo Testamento foi contaminado pela estrutura patriarcal e machista que não queria compartilhar o status do poder religioso e social com pessoas que acreditavam serem de segunda categoria. Conforme da definição de Lutzer e Lutzer:

(...) Se chamarmos Jesus de feminista queremos dizer que ele rompeu com a visão humilhante que os homens tinham das mulheres do seu tempo que ultrapassou os limites preconceituosos do legalismo - se tal for a nossa interpretação da frase dita no livro, então sim, Jesus foi o feminista original. Jesus revolucionou o seu tratamento com as mulheres. Ele ousou acreditar no serviço feminino e em valorizá-las em um tempo que isso era muito estranho.

Críticos atuais têm dito que o cristianismo tem incentivado o domínio machista e a cultura da subjugação feminina. É bem verdade que as mulheres têm sido tratadas como uma classe secundária na história da Igreja e tais alegações podem ser comprovadas pelo registro dos muitos fatos depreciativos às mulheres. Mas tal linha de pensamento contrário a mulher não pode ser traçada a partir das páginas do Novo Testamento, na Igreja Primitiva. No primeiro século depois da morte e ressurreição de Jesus, as mulheres que seguiram Jesus foram honradas e seus maridos por sua vez ensinados honrar as suas esposas. Muitas das restrições que

Ao citar a figura de Jesus como filósofo do pensamento ocidental, não há pretensão de uma doutrinação ou tratar da sua suposta divindade, sim da figura deste ser histórico que continua a influenciar inclusive a questão ética. Pensamento que foi seguido por outras pessoas iluminadas: Maomé, Mahatma Ganges, Dalai Lama, Martin Luther King, Chico Xavier, etc.

A ERA DAS FOGUEIRAS: VIOLÊNCIA RELIGIOSA CONTRA AS MULHERES

Havia um contexto histórico e político no qual se deu a Era das Fogueiras, protagonizadas pelos crimes cometidos em nome da religião e desta forma na Idade Média, o Tribunal da Santa Inquisição protagonizou momentos de terror por toda a Europa Ocidental, representando a luta eterna entre a “verdade” representada pela Igreja e a “mentira” os hereges que estavam fora da religião verdadeira. Em outro aspecto a cristandade é patriarcalista e as religiões a margem do cristianismo havia a valorização e o papel da mulher nos cultos realizados. Conforme da definição da religião atual a Wicca, são os antigos ensinamentos da Bruxaria Antiga, nestas liturgias havia uma igualdade de sexo e por consequência a valorização da mulher, como um aspecto positivo representando a Deusa Mãe, de acordo com a concepção dos adeptos desta atual religião.

O aspecto mais polêmico é a representação do deus de chifres, o animal representante é o gamo (parecido com o veado) no Norte da Europa. Desta forma este deus masculino foi retratado como o diabo cristão na Idade Média. Segundo a definição de Gwydion

(...) As tradições e os ensinamentos da Bruxaria Antiga que geraram a wicca, vem de tempos remotos, onde os povos não tinham tanta tecnologia,, como já dissemos. Eram povos da idade média que viviam da agricultura de subsistência ao Norte da Europa. Além disso, pela origem xamanica, a Wicca é a religião natural, ou seja, não tem templos e nem hierarquia. Na Wicca todos são iguais perante a Deusa, mas a mulher tem um papel importante, porque é a representação da Deusa em nós. (...)

Um aspecto mais polêmico dentro da Wicca, além do festival de Beltane, é a representação do deus de chifres que nos lembra do diabo das religiões cristãs. Lembremos que o deus representa os nossos aspectos masculinos e de ação, que para os povos da época simbolizado pela figura do animal selvagem, que na Região do Norte da Europa, era o Gamo. Aspectos de força, de guerreiro, fizeram que o deus fosse

representado como homem viril, musculoso, forte como um guerreiro, com cabeça de gamo e obviamente com os seus chifres representando os aspectos selvagens do deus. Dizer-se que a igreja católica criou a figura do diabo, para assim arrebanhar os pagãos para o cristianismo. (GWYDION, 2009, p.31-33)

Havia uma igualdade de gênero (feminino e masculino) porque se acreditava no princípio da dualidade espiritual: mesmo o homem tinha uma porção da essência feminina dentro da alma, embora a mulher tivesse maior valor porque era a representante da Deusa Mãe. Nas religiões perseguidas pelo Tribunal da Santa Inquisição houve dois fatos importantes: relações de gênero e relações de poder, nesta duplicidade, as religiões ditas pagãs valorizavam as mulheres e a Igreja pregava a supremacia do patriarcado em detrimento destas. Utilizando de argumentos teológicos tendenciosos, talvez sobre tudo por meio de texto machista do Apóstolo Paulo, relatado em I Timóteo 2:11-12” A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio”. Este é um dos textos no qual o apóstolo é tendencioso com as mulheres ou ainda o texto pode ter sido alterado para dar um ar de santidade à supremacia masculina?

Diante deste cenário religioso e disputa de gênero, para se consolidar o patriarcalismo, houve a necessidade de combater as religiões rotuladas como pagãs, restringindo o direito da mulher como ser humano e nas práticas religiosas, sendo transformadas em párias da sociedade. A fervência da neurose religiosa tem o seu clímax em 1484 foi promulgado pelo Papa Inocêncio VIII, a Bula contra os Bruxos. Três anos depois surge o manual *Malleus maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras), foi o manual prático do Tribunal Inquisidor para fazer uma limpeza étnica contra as supostas hereges, condenando-as a morte na fogueira. Segundo Luz:

Dizem a respeito à generalizada perseguição empreendida contra as feiticeiras em vários pontos da Europa. O extermínio das pessoas – em sua vasta maioria mulheres- ligadas à bruxaria foi fortemente intensificado após a publicação do manual *Malleus maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras), escrito em 1487 pelos inquisidores alemães Heinrich Kraemer (1430-1505) e James Sprenger (1435-1495). Os autores justificaram os conteúdos do livro a partir do principal pronunciamento papal a respeito da feitiçaria, a bula *Summis desiderantes affectibus*, de Inocêncio VIII (1432-1492), expedida em 5 de dezembro de 1484. O texto pontifício reconhece a existência das bruxas e concede permissão aos inquisidores para lançarem mão de quaisquer meios necessário à sua repressão. O Manual de Kraemer e Sprenger atingiu espantosa notoriedade, sendo reimpresso numerosas vezes durante os 200 anos seguintes. À época de sua publicação, a obra foi rejeitada pela Universidade de Colônia em razão dos princípios antiéticos e outras inconsistências nela contidos. No entanto os autores forjaram uma nota de aprovação da

universidade, anexadas em posteriores edições. Embora a Igreja Católica não tenha reconhecido oficialmente a obra, esta exerceu profunda influência sobre o imaginário de inquisidores, juízes seculares, caçadoras de bruxas, sendo por estes utilizadas como manual prático. (LUZ, 2011, p.285)

Foi um período nebuloso na Europa Ocidental marcando o retrocesso nos pensamentos do filósofo Jesus, pois havia tratado com dignidade as mulheres de seu tempo. Após o fim da perseguição religiosa no Império Romano, a igreja passa a se misturar com o Estado, tendo a mesma estrutura hierárquica de governo com o governo masculino e passaria também para a religião.

As mulheres segundo interpretações tendenciosas são instrumentos de satã por meio da sexualidade e acredita-se na suposta culpa do pecado no mitológico Jardim do Éden. Como havia falado anteriormente a Igreja precisava recorrer ao controle social, entretanto, a forma encontrada foi por meio do terror. A violência e desvalorização fomentada por pensamentos machistas em sexistas com uma áurea de suposta santidade são tão perniciosas, quanto aos crimes contra a humanidade praticados pelos regimes totalitários do século XX.

[...] O misticismo e a mitologia ensinaram as pessoas a lidar com o mundo do inconsciente. Talvez não tenha sido por acaso que, numa época em que à fé religiosa começava a abandonar esse tipo de espiritualidade, o subconsciente aflorou sem controle. Tem-se definido a Febre das Bruxas como uma fantasia coletiva de homens, mulheres e inquisidores de toda a cristandade. Acreditava-se que as bruxas tinham relações sexuais com os demônios; que voavam à noite para participar de rituais satânicos e orgias perversas; que adoravam o Diabo numa paródia da missa - uma reversão que podia representar uma ampla rebelião inconsciente contra a fé tradicional. Deus começava a parecer tão distante, estranho e exigente que, para alguns, estava se tornando demoníaco: medos e desejos subconscientes projetavam-se na figura imaginária de Satã, descrito como uma versão monstruosa da humanidade. Até passar a Febre, milhares de indivíduos acusados de bruxaria foram executados na forca ou na fogueira. (ARMSTRONG 2001, p.70)

Naquela época o nome de Deus era associado a uma divindade malvada e severa, assim para agradá-la da mesma forma que as divindades de outras nações, pode se supor que a Era das Fogueira no ponto de vista psíquico era uma forma com esses sacrifício aplacar a ira um ser transcendental tão zangado.

METODOLOGIA

O método adotado na fase de investigação será a análise bibliográfica, porque, para a construção teórico-metodológica da pesquisa, foram investigadas as seguintes sessões: o mito de Lilith e Eva, o papel de liderança da mulher, a associação da religião com as questões de gênero, violência e outros aspectos de natureza teórica.

Embora a metodologia seja formada por uma base mais bibliográfica, portanto diante do trânsito religioso do pesquisador em várias ramificações da cristandade, em alguns grupos há uma postura patriarcal diante das mulheres, embora não defendam punições físicas, mas há uma clara e rígida estrutura do papel social e como estão distribuídas as relações de poder.

Os instrumentos usados como objeto de pesquisa foram: a Igreja Batista Tradicional, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus e Cristãos Espiritas.

RESULTADOS

A Igreja Batista Tradicional em sua construção histórica mesmo que timidamente, procurou dar as mulheres o direito de serem ouvidas, por exemplo, a Igreja Batista da Lagoinha em Minas Gerais que é um avanço para as estruturas machistas que veem com maus olhos uma pessoa do sexo feminino no cargo de pastora.

Outra denominação que é extremamente opressora é a Igreja Pentecostal Deus é Amor, ainda com ideias retrogradadas reduzem as mulheres com o pretexto de uma falsa santidade do que estas carregam a marca de Satã, como instrumentos utilizam a marca da sedução para desencaminharem os homens, com isso são submetidas a regras de que tudo é o suposto pecado, sendo que na verdade é o patriarcalismo social transmigrado para uma áurea de santidade.

A Igreja Congregação Cristã no Brasil é uma doutrina extremamente rígida com os homens, mas ainda as mulheres apresentam maior restrição, como por exemplo, permissão de tocar órgão, enquanto os homens podem tocar todos os instrumentos musicais.

No caso da Assembleia de Deus são um caso bem peculiar, existente diversas facções oriundas desta denominação pentecostal histórica, onde a mulher é mais oprimida e em outras o papel feminino é um pouco maior.

No grupo dos Cristãos Espiritas que seguem a doutrina de Kardec a emancipação da mulher é menos estratificada, isto é, segundo este grupo o espírito tem várias existências podem ter vivido como homem e mulher, por esta razão, essas trabalhadoras podem galgar maior mobilidade religiosa.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste trabalho será o foco maior na cristandade porque existem muitas religiões, por esta razão foi englobado: evangélicos, católicos e cristãos espíritas (Kardecistas). A problemática não são as religiões porque todas possuem pontos positivos, mas sim os líderes que a usam para a busca de poderes temporais e espirituais, a fim de perpetuar ideias retrogradam, por exemplo, a mulher vista como arma de Satã para o descaminho do homem.

A palavra religião é a religação do homem com uma divindade, mas que Deus é este? Tal controvérsia tem sido motivo de homens inescrupulosos a fim de perpetuar o status quo existente na sociedade patriarcal e machista, a rígida estrutura de poder: supremacia masculina em detrimento dos direitos das mulheres em ter voz em alguns seguimentos da cristandade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. A **Bíblia** Sagrada (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**. (Edição compacta) – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GWYDION, Tyrio Dan. **Magia Wicca – um guia prático para iniciantes**. São Paulo: Clube dos Autores, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Jardim do Éden revisado**. Revista de Antropologia *Print version* ISSN 0034-7701. Rev. Antropol. vol.40 n.1 São Paulo 1997. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000100005 <acesso 23.05.2016>

LUZ, Marcelo Da. **Onde a religião termina?** - Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2011.

LUTZER, Rebeca; LUTZER, Erwin. **Jesus o amado da alma da Mulher**. Editora: CPAD, Rio de Janeiro: (29 de julho de 2014)

PIRES. Valéria Fabri. **Lilith e Eva Imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. Summus Editorial. São Paulo, 2008.

SODECRISTO Sociedade de Divulgação do Evangelho do Cristo. http://www.sodecristo.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7:a- emancipacao-da-mulher-na-visao-espirita&catid=8&Itemid=435 < acesso 15.05.2016>

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

